



A HOMOSSEXUALIDADE NA LITERATURA INFANTO-JUVENIL: PRODUZINDO SIGNIFICADOS

Deise Azevedo Longaray¹
Paula Regina Costa Ribeiro²
Joanalira Corpes Magalhães³

Resumo: Este artigo tem como objetivo investigar como a literatura infanto-juvenil vem produzindo significados acerca da homossexualidade. Para tanto, apresentamos alguns livros infanto-juvenis, tecendo algumas problematizações sobre como a homossexualidade vem sendo narrada nessas produções culturais e como esses entendimentos vêm constituindo os sujeitos homossexuais. Neste estudo, não temos a pretensão de negar a materialidade biológica atribuída à homossexualidade ou qualquer categorização que a mesma obteve ao longo da história, porém pretendemos destacar a importância da contribuição da teoria construcionista social para o entendimento das identidades sexuais, definindo tais identidades como construções históricas e sociais, que são interpeladas pelos discursos de diversas áreas, em diversos momentos e períodos da história. Neste sentido, nossas análises estão alicerçadas no campo teórico dos Estudos Culturais, em suas vertentes pós-estruturalistas. Este campo teórico caracteriza os objetos analisados como resultados de um processo de construção social, ou seja, que os mesmos são constituídos por representações produzidas a partir de significados que circulam na cultura, sendo essa a justificativa que nos atrai a examiná-los. Nos artefatos culturais analisados – livros infanto-juvenis – foi possível identificar que algumas narrativas possibilitam desconstruir representações acerca da homossexualidade, bem como promover o reconhecimento da pluralidade sexual e a promoção de uma cultura de respeito e de combate à homofobia. A partir desses entendimentos, procuramos discutir que os artefatos contêm pedagogias culturais que ensinam modos de ser e estar no mundo, construindo e reproduzindo significados sociais sobre a homossexualidade. Tais artefatos buscam nomear, classificar, transformar e definir tal identidade, estabelecendo o que é considerado um corpo “normal” e um corpo “anormal”. Entendemos que esses artefatos mais do que falar sobre as experiências de vida, desejos, e – corpos desses sujeitos –, estão, ao mesmo tempo, produzindo e instituindo verdades sobre o que é ser homem, mulher, heterossexual, homossexual, entre outras identidades.

Palavras-chave: artefatos culturais, homossexualidade, identidades sexuais.

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: química da vida e Saúde da Universidade Federal do Rio Grande - FURG. E-mail: deiselongaray@yahoo.com.br.

² Professora Associada II do Instituto de Educação, do Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental e do Programa de Pós-Graduação Educação em Ciências da Universidade Federal do Rio Grande – FURG. E-mail: pribeiro@vetorial.net.

³ Doutoranda pelo PPG Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde da Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Professora Assistente I do Instituto de Educação, da Universidade Federal do Rio Grande - FURG. E-mail: joanaliracm@yahoo.com.br.

INTRODUÇÃO

No presente artigo⁴ buscamos investigar como os livros infanto-juvenis, entendidos como artefatos culturais, vêm produzindo significados a respeito da homossexualidade. Nossas análises estão alicerçadas no campo teórico dos Estudos Culturais, em suas vertentes pós-estruturalistas.

O campo dos Estudos Culturais surge através do *Center for Contemporary Cultural Studies* (CCCS), fundado por Richard Hoggart, em 1964. Esse centro surge ligado ao English Department, da Universidade de Birmingham. O principal eixo de pesquisa desse campo de estudos refere-se às relações entre a cultura contemporânea e a sociedade, suas formas culturais, instituições e práticas culturais (ESCOSTEGUY, 2004). Os Estudos Culturais constituem-se em um campo de teorização, investigação e intervenção, que estuda os aspectos culturais da sociedade (COSTA, 2004; VEIGANETO, 2004). Para Silva, a cultura é “um campo de produção de significados no qual os diferentes grupos sociais, situados em posições diferenciais de poder, lutam pela imposição de seus significados à sociedade mais ampla” (2004, p.133- 134).

Cabe salientar que a cultura está imbricada com relações de poder, e é através dessas relações de poder que os significados do que culturalmente é relevante para cada grupo social são construídos (COSTA, 2004). Neste sentido, “a cultura e o próprio processo de significá-la é um artefato social submetido a permanentes tensões e conflitos de poder” (Ibid., p. 40). Uma das questões centrais no campo dos Estudos Culturais é o entendimento da definição de cultura, tida “tanto como uma forma de vida - compreendendo idéias, atitudes, linguagens, práticas, instituições e estruturas de poder - quanto toda uma gama de práticas culturais: formas, textos, cânones, arquitetura, mercadorias produzidas em massa, e assim por diante” (NELSON; TREICHLER; GROSSBERG, 1995, p. 14). Neste sentido, para o campo dos Estudos Culturais a cultura, além de dizer respeito aos domínios daquilo que se “cultiva”, ela também faz referência ao domínio político (COSTA, 2004). No contexto desta discussão, a cultura “tem a ver com a produção e o intercâmbio de significados – o ‘dar e receber de significados’ – entre os membros de uma sociedade ou grupo” (HALL, 1997, p. 2).

⁴ O presente trabalho é um recorte e adaptação de um artigo publicado na Revista da FAGED (UFBA. Online).

Por esse viés, os artefatos culturais – nesse caso os livros infanto-juvenis – contêm pedagogias culturais⁵ que produzem significados, veiculam saberes e transmitem valores que interpelam os indivíduos, ou seja, ensinam modos de ser e estar no mundo, construindo e reproduzindo significados sociais sobre a homossexualidade, por exemplo. Nesse sentido, tais artefatos buscam nomear, classificar, transformar e definir a homossexualidade, estabelecendo o que é considerado um corpo “normal” e um corpo “anormal”.

A partir da perspectiva que fundamenta esse estudo, estamos entendendo e discutindo a homossexualidade como uma construção. Dessa forma, não temos a pretensão de negar a materialidade biológica atribuída a essa identidade sexual ou qualquer categorização que a mesma obteve ao longo da história, porém pretendemos destacar a importância da contribuição da teoria construcionista social para o entendimento das identidades sexuais, definindo tais identidades como constructos históricos e sociais, que são interpeladas pelos discursos de diversas áreas, em diversos momentos e períodos da história.

Para o construcionismo social o sujeito constrói o conhecimento através de suas interações sociais. A partir dessa perspectiva, problematizamos as identidades sexuais, entendendo que essas são compostas e definidas por relações sociais, ou seja, as formas de expressar os desejos e prazeres são estabelecidas e interpretadas pela sociedade (LOURO, 2007). Ao discutirmos a construção histórica das mesmas, buscamos promover o reconhecimento da pluralidade sexual e a promoção de uma cultura de respeito aos sujeitos LGBT (lésbicas, *gays*, bissexuais, transgêneros - travestis e transexuais). Dessa forma, é importante repensar que os sujeitos são constituídos por múltiplas identidades – classe, raça, gênero, sexual, geracional – e que essas se inter-relacionam posicionando-os nos diversos contextos sócio-culturais.

Considerando que a homossexualidade é uma entre as possíveis identidades sexuais, torna-se importante discutir a construção histórica e social da mesma, de forma a não reforçar as representações produzidas sobre essa identidade, que resulta, muitas vezes, em preconceito e discriminação aos/às homossexuais, bissexuais, travestis e

⁵ Segundo Soares e Meyer (2003, p.139), “o conceito de pedagogias culturais remete, exatamente, para o reconhecimento e problematização da importância educacional e cultural da imagem, das novas tecnologias da informação, enfim, da relação entre educação e cultura da mídia nos processos de organização das relações sociais e na produção das identidades. Remete, também, para um importante deslocamento no qual o currículo se desvincula e se projeta para além da escola, o que impõe uma reconceptualização das próprias noções de escola, de currículo, de conhecimento escolar”.

transexuais. A construção social dos discursos que defendem e afirmam a heterossexualidade como a identidade sexual normal sustenta e reforça a homofobia⁶, que tem como propósito a exclusão daqueles que não correspondem ao padrão sexual imposto pela sociedade em geral.

Nesse sentido, o que nos interessa ao “olharmos” os livros infanto-juvenis é conhecer “o caráter móvel da linguagem e das representações” (MEYER e SOARES, 2005, p. 36), problematizando os múltiplos significados produzidos sobre a homossexualidade. Para tanto, apresentamos uma breve descrição do *corpus* de análise, tecendo algumas problematizações sobre como a homossexualidade vem sendo narrada nessas produções culturais e como esses entendimentos vêm constituindo os sujeitos homossexuais.

APRESENTANDO O *CORPUS* DE ANÁLISE: OS LIVROS INFANTO-JUVENIS

O livro **Olívia tem dois papais**, de autoria de Márcia Leite, conta a história de uma menina muito esperta que tem dois pais, o Raul e o Luís. O livro traz a discussão da adoção por casais homossexuais: *Olívia gostava que lhe contassem sobre sua história. Isso fazia com que se sentisse uma menina muito especial. – Por isso vocês me escolheram. E eu virei uma filha e vocês viraram papai Raul e papai Luís!* Os pais de Olívia gostam de brincar com ela de mamãe e filhinha ou com bonecas, o que possibilita problematizar sobre como a família atua na constituição das identidades de gênero⁷ através de práticas e discursos que instituem condutas, formas de falar, agir, brincar para cada sexo. *Papai Raul, você também brincava de boneca quando era do meu tamanho? – Não filha eu brincava de outras coisas. Nem tinha boneca lá em casa. – Do que você brincava, então – Olívia insistiu. – De brincadeiras de menino, com o tio Roberto. Carrinho, futebol, videogame, luta, bicicleta. Coisas assim. –Então você nunca brincou de boneca? Nunca brincou de mamãe e filhinho? Que intrigante. [...] Se*

⁶ Operamos com o termo homofobia, no sentido de manifestação de ódio, repulsa, aversão, nojo, etc. não somente em relação aos/as homossexuais, mas também a transgêneros (travestis e transexuais) e bissexuais. Borrillo destaca que a “homofobia é um fenômeno complexo e variado. Podemos entrevistá-la em piadas vulgares que ridicularizam o indivíduo efeminado; no entanto, ela pode revestir-se também de formas mais brutais.” (2009, p. 18).

⁷ De acordo com Louro (2007), as identidades de gênero são construções sociais e históricas, produzidas em relação às características biológicas, ou seja, os significados sociais atribuídos às masculinidades e às feminilidades são sempre produzidos no contexto de uma determinada cultura.

você nunca brincou de boneca ou de casinha, como foi que aprendeu a cuidar tão bem de uma filha menina?- *Ah, minha querida, tem coisas que a gente não precisa aprender, já nasce sabendo.* Essa última fala embora problematize os atributos femininos, naturaliza o ser pai ou mãe ao dizer que “já nasce sabendo”. Olívia também questiona os pais sobre coisas “*indispensáveis*” que as mulheres utilizam, tais como: maquiagem, sapato de salto alto e perfumes, pois ela *gostava de se enfeitar e de ficar bonita*. Essas situações narradas possibilitam discutir os atributos masculinos e femininos naturalizados na sociedade, ou seja, de que existem determinados comportamentos, atitudes, vestuários, posturas entre outras coisas estabelecidos para cada um dos gêneros, como por exemplo, menina é sensível, vaidosa, delicada e que menino deve ser forte, viril, etc. A história também nos permite problematizar o preconceito em relação a sua família – *O Lucas é muito bobo, papai, ele gosta de me provocar, dizendo que eu não tenho mãe. – Eu falo assim: “Eu não tenho mãe, mas tenho dois pais só para mim”*, o que também proporciona uma discussão sobre as “novas” configurações familiares.

O livro **Meus dois pais**, de Walcyr Carrasco, inicia contando a história da separação dos pais de Naldo. Seu pai constituiu uma nova família com outro homem, mas o menino não sabia da identidade sexual⁸ de seu pai. A mãe de Naldo teve que ir para outra cidade devido a uma promoção no seu trabalho e não o levou junto. Assim, ele passou a morar com o pai e com seu companheiro, o Celso. A avó do menino não queria que ele morasse com o pai e fazia muitas perguntas quando ele ia a sua casa, a fim de saber se o garoto entendia a situação que estava vivenciando – *Você viu alguma coisa esquisita? – Vovó, por que você está falando desse jeito? O papai tem algum segredo? Qual é?* Naldo acostumou-se com a vida nova e com o convívio com Celso que cozinhou muito bem e participava da sua educação. O livro traz à tona a questão do preconceito para com as relações homoafetivas, pois quando na escola os pais dos/as outros/as alunos/as ficaram sabendo da situação, cochichavam – *Comecei a perceber que falavam de mim na escola. Quando o Celso ou o papai iam me buscar, as mães de meus amigos ficavam cochichando. Um dia, cheguei a ouvir um pedaço da frase. – Pois é. Nem parece!* Os pais não permitiam que os/as filhos/as fossem a casa do menino: - *A minha mãe me proibiu de ir no seu apartamento – disse o Fê. [...] – É por causa do seu pai. [...] – O que o meu pai tem de errado? [...] – Seu pai é gay, Naldo!* Depois da

⁸ Com relação às identidades sexuais, Louro (2007) afirma que essas construções se estabelecem e se codificam na sociedade, na história e na cultura e que dizem respeito às diferentes formas de expressar os prazeres e os desejos corporais.

descoberta que seu pai era homossexual, Naldo ficou muito triste e revoltado e pediu para voltar para a casa da avó. Passado algum tempo, era seu aniversário e sua mãe retornara para a festa e conversara com Naldo sobre a situação, a fim de que o menino entendesse que existiam diferentes possibilidades de amor entre as pessoas. *A mamãe falou bastante. Explicou que muitos homens e muitas mulheres são assim: amam seus iguais. E têm relacionamentos tão bonitos como os entre um homem e uma mulher, que são mais comuns.* A mãe ainda complementa: *Olhe esses doces. Ambos são doces, mas diferentes entre si. Não é errado ser diferente!* O menino também comenta situações de discriminações na escola contra os sujeitos que não se enquadram no “padrão” estabelecido pela sociedade. – *Tinha um menino na minha classe. Chamavam ele de gayzinho. Mas o papai não é delicado, nem o Celso! [...] – Tinha um bando de garotos que infernizavam a vida dele. Faziam piadas, xingavam. Até ameaçavam bater nele.* Porém, Naldo passa a entender que o mais importante é ter uma família que se ama independente de todos os tabus presentes na nossa sociedade.

O livro **O menino que brincava de ser**, de Georgina Martins, conta história de Dudu que brincava de ser bruxa, fada e princesa, na escola e na família. O artefato possibilita problematizar os marcadores identitários de meninos e meninas e seu entrelaçamento, além de proporcionar uma importante discussão sobre violência e patologização da homossexualidade. Foi Dudu quem inventou uma brincadeira na escola, brincar de ser. Essa brincadeira trouxe muitos problemas para o menino, a mãe dele ficou muito preocupada, pois ele nunca queria ser príncipe ou rei. Ela foi à escola, mas a professora dizia que não tinha problema algum. Teve um dia em que Dudu acordou com vontade de ser menina, sua mãe ficou extremamente preocupada sobre o que seu pai iria pensar, então resolveu levar o menino ao médico, *o doutor Psicólogo*, mas Dudu não entendia, o porquê desse procedimento, pois, ele não estava doente. O psicólogo fez algumas perguntas sobre os personagens preferidos e Dudu respondeu: *Gosto de um monte: quando eu vejo o desenho do Robin Hood, eu brinco de ser ele, quando eu vejo a Bela Adormecida, eu brinco de ser bruxa, eu gosto muito de ser bruxa...* O psicólogo disse que não havia nada de errado com o menino, ele era muito inteligente e sensível. A mãe não se convenceu e levou o menino ao *doutor Psiquiatra*, depois ao *doutor Endocrinologista* e nenhum deles achou problema no Dudu. Um dia, ele resolveu se vestir com um vestido de sua mãe, o que causou um grande espanto: - *Que negócio é esse? Você é mulherzinha?* O pai não aguentava mais aquela situação e levou-o a uma escolinha de futebol para aprender a ser homem e também saiu para

comprar brinquedos de homem: - *Dudu, vá colocar uma roupa decente que nós vamos sair, vou comprar uma bola para você. Você está precisando é de brinquedos de homem. Sua mãe fica comprando essas bobagens de fantasia, de joguinhos. Chega dessas coisas.* Na escolinha de futebol o pai falou: - *Se você não ficar quietinho e não fizer tudo o que o treinador mandar, vou lhe dar uma surra bem grande e colocá-lo de castigo!* Seus avós paternos também não aceitavam as suas atitudes e colocavam a culpa na mãe: *Menino homem quem tem que educar é o pai.* Só quem entendia o Dudu era sua avó materna, inclusive lhe deu uma linda fantasia de bruxa, bordada com luas e morcegos. O menino sofria preconceito na escola, pois seus amiguinhos batiam nele e também o chamavam de mulherzinha. Um dia, sua avó materna resolveu levar Dudu ao teatro e ele viu os homens e as mulheres fantasiando-se, todos passavam batom, fato que o surpreendeu – *Homem pode brincar de ser mulher e mulher pode brincar de ser homem, que ninguém liga?* Ir ao teatro fez o menino repensar algo que não saía de sua cabeça, ele queria se transformar em menina, mas entendeu que podemos ser muitas coisas: - *Vó, já sei! Eu quero ser um ator de teatro.*

O livro **Por que não um carrinho?**, de Flávio de Souza, traz a história de Luís Fernando que no decorrer do livro conta o que as pessoas da sua família *pensaram, falaram e fizeram* sobre um fato ocorrido com ele. O menino comenta que se contasse somente com as suas palavras muita gente não acreditaria no que fizeram seus familiares, por isso decide mostrar os emails, telefonemas e conversas virtuais trocados entre seus familiares sobre o fato de Luís Fernando brincar com uma boneca que sua mãe tanto escondera. O primeiro email enviado foi do pai de Dinho, como é conhecido Luís Fernando, para a sua mãe. O pai de Dinho, o Luciano, demonstra no email muita preocupação em relação ao menino brincar de boneca, e por isso se pergunta se isso pode ser um sinal de que seu filho é diferente dos outros meninos.

Esse trecho nos possibilita discutir as questões de gênero atreladas à homossexualidade, ou seja, o entrelaçamento das identidades de gênero com as identidades sexuais, evidenciando o quanto há uma vigilância constante com os meninos a fim de que eles não fujam das coisas ditas para o gênero masculino. Isso também ocorre com as meninas, no entanto essa vigilância é bem maior em relação aos meninos. A maior preocupação do pai de Luis Fernando é que ele seja visto pelos amigos brincando de boneca. Ao longo do email, Luciano relata que ao ver seu filho brincando de boneca, perguntou: *Por que você está brincando com essa boneca filhão? Não é melhor você brincar com outro brinquedo? Por que não um carrinho? É*

interessante problematizar a partir dessa história, as coisas ditas de meninos e as coisas ditas de meninas estabelecidas socialmente, esse processo de vigilância e naturalização das coisas ocorre em relação aos brinquedos, às cores, às atitudes atribuídas para determinado gênero.

Em seguida ao email de Luciano enviado para sua mãe é ela quem envia um email para a nora, mãe de Dinho. Márcia, como é conhecida a avó de Luis Fernando, envia um email para sua nora Carla, que é a mãe de Luis Fernando. No email ela relata que seu filho lhe contou sobre o fato de Fernandinho, é como a avó chama seu neto, estar brincando com uma boneca e diz que não acha que a melhor atitude a ser tomada seja a proibição dessa brincadeira, mas que eles convençam seu filho de que se ele quiser brincar de boneca que seja no seu quarto escondido, para que não seja visto pelas outras crianças, pois afinal de contas isso faria com que seus amigos caçoassem dele sem motivos. No final do email, Márcia, sugere a sua nora que ela pergunte ao filho por que ele inventou essa brincadeira. *Por que uma boneca? E... por que não um carrinho?*

Após ler o email da sogra, Carla, a mãe de Luís Fernando, decide ligar para sua irmã Mari. No telefone ela explica o que está acontecendo. Mari logo diz que Dinho está é com ciúmes da nenê, sua irmãzinha, que está por chegar. Mari sugere que a irmã leve Dinho a uma loja de brinquedos para que ele escolha o brinquedo que quiser. E se caso ele escolhesse uma boneca, ela iria sugerir que Carla perguntasse a ele: *Por que não um carrinho?*, mas antes de Mari sugerir isso, Carla desliga o telefone.

Após o telefonema de sua irmã, Mari, tia de Dinho, conversa pelo MSN com seu irmão Lucas e conta que como sua irmã Carla e o cunhado Luciano não tiveram coragem de levar o menino na loja de brinquedos, ela mesmo fez isso. Ela comenta que levou Dinho até a loja e disse que ele poderia escolher qualquer brinquedo. Mari comenta que após Dinho olhar vários brinquedos, o garoto avisou que já tinha escolhido o seu, era um carrinho, mas um carrinho de boneca. Mari comenta com Lucas que o garoto até disse que se tivesse problema com o preço do brinquedo ele poderia escolher outro, porque quanto maior o presente maior é o preço, mas sua tia diz: *Tudo bem Dinho! Não tem problema nenhum! Por que não um carrinho?*

A história segue contando o que ocorrera dois meses depois e essa parte da história quem conta é o próprio Luís Fernando. Luís comenta que após sua irmãzinha nascer sua casa era muito frequentada por seus parentes e amigos da família. Todos estavam superanimados com o nascimento da Juju e por isso ninguém prestava atenção em Luís Fernando. Ninguém lembrou de ver se ele ainda brincava de boneca, mas isso

não estava mais acontecendo, comenta Dinho. Ele conta que duas semanas após o nascimento da sua irmã, ele presenciou uma cena em que a irmã chorava muito e que seus pais cansados não acordavam para atender a menina. Então, ele mesmo resolveu fazer isso, foi até o quarto da menina e a pegou no colo, ninou e cantou para ela. Ele conta que havia inventado uma música para irmã antes mesmo de ela nascer e que a cantou nesse momento pra Juju, que estava acordada ouvindo. Nesse momento, seu pai presenciou a cena, ele ficou parado na porta do quarto sorrindo ao ver aquela cena. Logo, chega sua mãe que também fica olhando Dinho ninar sua irmã Juju, pensando que parecia que Dinho havia treinado isso por várias semanas, pois como conseguira deixar sua irmãzinha tão quieta e foi isso que ele fez com a boneca e seu carrinho, presente da sua tia. Seus pais perceberam que Dinho havia mesmo treinado para cuidar da sua irmã. Foi aí que o pai decidiu que o aniversário de duas semanas de Juliana, a Juju, deveria ser comemorado com presente para todas as crianças. Então, foram os quatro e mais a tia Mari para a loja de brinquedos, pois para os pais de Dinho, Mari também é uma criança. Então, escolheram seus presentes. Mari escolheu um livro, Juju ganhou um coelhinho macio e fofo e Luís Fernando demorou, mas escolheu um carro de corrida de controle remoto. A tia Mari piscou para mãe e para o pai de Dinho e falou: *Olha só, Dinho! Que legal! Você escolheu um carrinho.* Dinho fez cara de quem não sabia de nada que havia acontecido na família e perguntou: *Por que não um carrinho?*

O Livro da Família, de Tood Parr, fala sobre os diferentes “tipos” de famílias que existem, o que nos possibilita problematizar as novas configurações familiares. O livro é comentado que: algumas famílias são grandes, algumas famílias são pequenas, em algumas famílias todos são da mesma cor, em algumas famílias todos são de cores diferentes, em algumas famílias uns moram pertos dos outros, em algumas famílias uns moram longe dos outros, algumas famílias se parecem, algumas famílias parecem seus animaizinhos de estimação, algumas famílias tem madrasta ou padrasto e irmão-postiço ou irmã-postiça, algumas famílias adotam filhos. A partir desse trecho, pode-se problematizar a questão da adoção por casais homossexuais e como isso é visto e entendido pelas pessoas. Isso pode ser discutido também a partir do trecho do livro que diz: algumas famílias têm duas mães ou dois pais, algumas famílias têm pai ou só mãe. Em algumas famílias todos comem as mesmas coisas, em algumas famílias, todos comem coisas diferente, algumas famílias gostam de ficar em silêncio, algumas famílias gostam de fazer barulho, entre outros exemplos de exemplos de famílias existentes. O livro é finalizado com a seguinte frase: *Há muitas maneiras diferentes de ser uma*

família. Sua família é especial, independentemente do tipo que ela é.

DISCUTINDO SOBRE OS LIVROS ANALISADOS

Nos artefatos culturais analisados, foi possível identificar que os livros infanto-juvenis através de suas narrativas visam desconstruir as representações acerca da homossexualidade, bem como promover o reconhecimento da pluralidade sexual e a promoção de uma cultura de respeito ao grupo LGBT (lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros - travestis e transexuais). Esses artefatos, através de seus/as personagens, buscam ampliar as discussões através de uma linguagem para crianças e adolescentes a fim de desconstruir conceitos hegemônicos, tais como: a heterossexualidade como norma, a família branca, nuclear, de classe média e ocidental, os atributos socialmente estabelecidos para homens e mulheres, entre outros.

Foi possível evidenciar que alguns desses artefatos possibilitam problematizar a homossexualidade como doença, uma vez que muitos/as ainda a vêem dessa forma. Considerando que a homossexualidade é uma entre as possíveis identidades sexuais, mas que socialmente a identidade entendida como “normal” é a identidade a heterossexual, torna-se importante discutir a construção histórica e social da mesma, de forma a não reforçar os estigmas atribuídos a essa identidade, que resulta, muitas vezes, em preconceito e discriminação aos/às homossexuais.

A homossexualidade recebe seu caráter de “anormalidade”, uma vez que transcende e não obedece, muitas vezes, ao padrão imposto socialmente ao gênero masculino ou feminino. Desse modo, “a homossexualidade se mostra como *locus* de transgressão e de recriação da dicotomia homem/mulher” (MONTEIRO, 2011), ou seja, do comportamento considerado “apropriado” aos homens e às mulheres, o que possibilita uma discussão sobre o entrelaçamento das identidades de gênero às identidades sexuais.

Nesse sentido, alguns dos artefatos analisados buscam desconstruir as representações de homens e mulheres, pois questionam os diversos atributos de gênero que são produzidos pela nossa sociedade. Contudo, ainda percebemos que aqueles/as que não correspondem às atribuições feitas para determinado gênero passam a ser discriminados/as, ou seja, “aqueles/as que transgridem as fronteiras de gênero e sexualidade, que atravessam ou que, de algum modo, embaralham e confundem os

sinais considerados ‘próprios’ de cada um desses territórios são marcados como sujeitos diferentes e desviantes” (LOURO, 2004, p. 87).

Além disso, alguns desses artefatos possibilitam a discussão da temática homofobia, uma vez que evidenciam, em suas narrativas, situações de exclusão social. Esses artefatos também apresentam e nos permitem discutir as “novas” configurações familiares presentes em nossa sociedade, ou seja, a de famílias homoafetivas, formadas por dois pais ou duas mães possibilitando-nos, assim, problematizar a homofobia nesse contexto.

Desse modo, é possível entender que as representações sobre a sexualidade constroem relações de distinção social, que incidem na fabricação de sujeitos homossexuais e heterossexuais, ou seja, vamos aprendendo, desde muito cedo, a ocupar e reconhecer os lugares sociais através de um complexo de forças e de processos que incluem instâncias como os meios de comunicação de massa, a ciência, as revistas, os brinquedos, a literatura, o cinema, a música e que produzem, por exemplo, diferentes e conflitantes formas de conceber e de viver nossas identidades sexuais e identidades de gêneros. Entendemos que esses artefatos mais do que falar sobre as experiências de vida, desejos e corpos desses sujeitos estão, ao mesmo tempo, produzindo e instituindo verdades sobre o que é ser homem, mulher, heterossexual, homossexual, entre outras identidades.

Assim, conforme Foucault (2007), a homossexualidade não é simplesmente uma identidade sexual e ocupação do corpo, mas é, sobretudo, discurso, investigação, conhecimento, criação de significados, troca simbólica, enfim, herdeira legítima da vontade de saber.

REFERÊNCIAS

BORRILLO, Daniel. A homofobia. In: Lionço, T., Diniz, D. **Homofobia e educação: um desafio ao silêncio**. Brasília: Letras Livres: EdUnB, 2009. p. 15-46.

CARRASCO, Walcyr. **Meus dois pais**. São Paulo: Ática, 2010. 40p.

COSTA, M. V.(Org.). **Estudos culturais em educação: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema**. Porto Alegre: Editora da UFRGS. 2004.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. Estudos Culturais: uma introdução. In: JOHNSON, Richard et al. **O que é, afinal, Estudos Culturais?** 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p. 167 - 224.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. 18ª edição. Rio de Janeiro: Graal, 2007.

HALL, Stuart. The Work of Representation. In: _____. (Org.) **Representation**. Cultural Representations and Signifying Practices. Sage/Open University: London/Thousand Oaks/New Delhi, 1997.

LEITE, Márcia. **Olívia tem dois papais**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2010. 46p.

LOURO, Guacira Lopes. _____. **Um corpo estranho**: ensaios sobre sexualidade e teoria *queer*. Belo Horizonte: Autêntica. 2004.

_____. **Pedagogias da Sexualidade**. In: Louro, G. L. et al (Org.). O corpo educado. Belo Horizonte: Autêntica. 2007.

MARTINS, Georgina da Costa. **O menino que brincava de ser**. 3 ed. São Paulo: DCL, 2008. 78p.

MEYER, Dagmar Elisabeth Estermann; SOARES, Rosângela de Fátima. Modos de ver e de se movimentar pelos “Caminhos” da Pesquisa Pós-Estruturalista em Educação: o que podemos aprender com – e a partir de – um filme. In: COSTA, Marisa Vorraber (Org.). **Caminhos Investigativos III**: riscos e possibilidades de pesquisar nas fronteiras. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. p. 23-44.

MONTEIRO, Marko. O pós-estruturalismo no estudo do gênero. In: **Antropologia: Gênero e Masculinidade**. Disponível em: <<http://www.artnet.com.br/~marko/laymert.html>>. Acessado em: 10 nov. 2011.

PARR, Tood. **O livro da família**. 1. ed. São Paulo: Editora Panda, 2003.

SILVA, Tomas Tadeu. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

SOARES, Rosângela de Fátima; MEYER, Dagmar Elisabeth Esterman. O que se pode aprender com a “MTV de papel” sobre juventude e sexualidade contemporâneas?. **Revista Brasileira de Educação**, Porto Alegre, n. 23, p. 136-148, maio/jun/jul/ago. 2003.

SOUZA, Flávio de. **Por que não um carrinho?**. São Paulo: Formato Editorial, 2009.

VEIGA-NETO, Alfredo. Michel Foucault e os Estudos Culturais. In: COSTA, M. V. (Org.). **Estudos culturais em educação**: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema. Porto Alegre: Editora da UFRGS, p. 37-72. 2004.